(Re)visitando a máquina do mundo e o futuro da poesia contemporânea

Janaina Freire de Oliveira dos Santos*

Resumo

O presente artigo propõe uma releitura crítica da metáfora da "Máquina do Mundo" na poesia contemporânea, a partir do diálogo com a tradição literária representada por Camões e Carlos Drummond de Andrade. A análise parte do pressuposto de que essa imagem, outrora símbolo de totalidade e ordenação cósmica, assume novos contornos no contexto atual, marcado pela fragmentação, instabilidade e pelas interfaces entre linguagem, tecnologia e subjetividade. A abordagem metodológica combina revisão bibliográfica e análise interpretativa de *A máquina do mundo repensada* (2000), de Haroldo de Campos, em diálogo com a tradição literária da "Máquina do Mundo", representada por Camões e Carlos Drummond de Andrade. A análise mobiliza as noções de transcriação e pós-utopia, de Haroldo de Campos, e de entre-lugar, de Silviano Santiago, com seu conceito que evidencia os cruzamentos culturais e discursivos que são próprios da produção literária pós-moderna. Argumenta-se que a "Máquina do Mundo", na lírica atual, não opera mais como revelação ou recusa absoluta do sentido, mas como campo simbólico de reconfiguração da experiência e da linguagem diante das mutações do século XXI. Ao final, conclui-se que a poesia contemporânea, longe de abdicar da tradição, a reinscreve de forma inventiva, revelando-se um espaço privilegiado para refletir sobre os impasses da modernidade e as possibilidades de reinvenção estética no presente.

Palavras-chave: máquina do mundo; poesia contemporânea; Haroldo de Campos; Silviano Santiago; tradição e ruptura.

* PUC-SP. Doutoranda e mestra em Literatura e Crítica Literária. Docente na educação de jovens e adultos (EJA) na Prefeitura de São Paulo. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-9732-4233.

(Re)visiting the World Machine and the Future of Contemporary Poetry

Abstract

This article proposes a critical re-examination of the "Machine of the World" metaphor in contemporary poetry, engaging in a dialogue with the literary tradition represented by Camões and Carlos Drummond de Andrade. The analysis proceeds from the premise that this image – once a symbol of totality and cosmic order – takes on new dimensions in the current context, which is marked by fragmentation, instability, and the interfaces between language, technology, and subjectivity. The methodological approach combines a literature review with an interpretive analysis of Haroldo de Campos's *A máquina do mundo repensada* (2000), in dialogue with the "Machine of the World" literary tradition established by Camões and Drummond. The study draws upon Haroldo de Campos's notions of transcreation and post-utopia, as well as Silviano Santiago's concept of the *entre-lugar* (in-between space), which highlights the cultural and discursive intersections characteristic of postmodern literary production. It is argued that, in contemporary lyric poetry, the "Machine of the World" no longer functions as a revelation or an absolute rejection of meaning, but rather as a symbolic field for the reconfiguration of experience and language in the face of 21st-century transformations. Ultimately, the article concludes that contemporary poetry, far from abandoning tradition, reinscribes it inventively, proving to be a privileged space for reflecting on the impasses of modernity and the possibilities for aesthetic reinvention in the present.

Keywords: world machine; contemporary poetry; Haroldo de Campos; Silviano Santiago; tradition and rupture.

Recebido em: 07/04/25 // Aceito em: 08/09/26

Introdução

Refletir sobre a crítica literária contemporânea exige uma análise do papel da arte e das tensões que ela provoca no debate cultural. A literatura, como forma de expressão estética e crítica, está constantemente em diálogo com seu tempo, respondendo às crises e transformações que atravessam a sociedade. Nesse contexto, a crítica literária não se limita à interpretação das obras, mas também investiga como a literatura resiste, inova e se redefine em meio às mudanças históricas e culturais.

A literatura, enquanto manifestação artística, expressa ideias, sentimentos, visões de mundo e experiências humanas por meio de uma linguagem criativa e estética. Assim como outras formas de arte, como a pintura, a música, a dança e o teatro, a literatura transforma a linguagem cotidiana, conferindo-lhe um caráter reflexivo, emocional e estético. Utilizando a palavra escrita – ou oral, no caso das tradições orais – como seu principal meio de expressão, a literatura tem o poder de comunicar e ressignificar as experiências humanas, mesmo que algumas correntes de pensamento debatam ou neguem seu status como arte.

Na contemporaneidade, a crítica literária tem explorado as relações entre literatura e arte de maneira interdisciplinar, considerando tanto os diálogos tradicionais entre texto e estética quanto as novas possibilidades trazidas pelas tecnologias e formas híbridas de expressão.

Nesse sentido, a crítica literária contemporânea não apenas analisa a literatura como arte, mas também reflete sobre como ela resiste, inova e dialoga em um cenário cultural em constante transformação. Assim, ela se debruça sobre as novas formas

de expressão artística, as mudanças nas formas de leitura e as reconfigurações da experiência estética, num diálogo ativo com outras artes e com a sociedade.

Partindo desse pressuposto, o presente artigo tem como objetivo analisar e refletir sobre a crítica literária na contemporaneidade tendo como referência considerações acerca da crise na crítica abordadas por Silviano Santiago e Haroldo de Campos na pós-modernidade e as inquietações de ambos diante dos significativos acontecimentos históricos no Brasil com a redemocratização.

A presente análise adota uma abordagem analítico-interpretativa, baseada em um estudo comparativo entre as concepções teóricas de Haroldo de Campos e Silviano Santiago e sua relação com o poema *A máquina do mundo repensada* (2000). A metodologia empregada fundamenta-se na intertextualidade e na crítica cultural, considerando a conexão do poema com obras clássicas e modernas, bem como seu diálogo com o contexto sociopolítico brasileiro. Assim, busca-se compreender como as noções de pós-utopia e constelação (Campos) e de entre-lugar (Santiago) se manifestam na estrutura e na proposta estética do poema.

Silviano Santiago reflete de forma complexa e inovadora, questionando paradigmas estabelecidos, propondo novos olhares e conectando a literatura com outras áreas do saber. Já para Haroldo de Campos a crítica literária deve estar profundamente interligada à prática, devendo ser criativa e transformadora, transcendendo o papel de análise passiva para figurar como uma forma de diálogo, recriação e experimentação. Campos propõe uma abordagem inovadora que rompe com as tradições acadêmicas e defende a crítica como um ato criativo e participativo, em diálogo direto com a obra literária.

Assim, pretende-se refletir e dialogar sobre estas questões utilizando como cerne o poema *A máquina do mundo repensada*, de Haroldo de Campos, e suas metáforas (ou não) sobre os caminhos que tanto a humanidade quanto a crítica têm tomado; assim, mesmo não se tratando explicitamente de um manifesto político, Campos oferece de modo criativo, perspicaz e inteligente uma crítica profunda e sutil às estruturas de poder, à modernidade, e à ideia de totalidade. No contexto da redemocratização, o poema pode ser interpretado como um chamado para reavaliar tanto os alicerces culturais quanto políticos do Brasil, propondo uma visão aberta, fragmentária e dinâmica do mundo, em oposição a narrativas autoritárias e totalizantes – preocupações relevantes do autor após o fim da ditadura militar e os rumos da esquerda política e cultural.

As inquietações de Haroldo de Campos sobre a poesia na modernidade

Haroldo de Campos (1929-2003) foi um poeta, tradutor, ensaísta e crítico literário, considerado um dos intelectuais mais inovadores e influentes do século XX no Brasil. Ele é amplamente reconhecido por sua atuação no movimento concretista, sua prática de tradução experimental e seus ensaios que dialogam com a literatura universal.

Campos compreendia que a literatura deveria ser analisada e refletida de forma sincrônica, ou seja, "a partir de recortes seletivos, levando em conta a recepção das obras por determinados grupos de leitores" (Lima, 2013, p. 2). Segundo o poeta: "[...] meu desejo é chamar a atenção para outro tipo de poética – a poética sincrônica –, muitíssimo menos praticada, mas cuja

função tem um caráter eminentemente crítico e retificador sobre as coisas julgadas da poética histórica" (Campos, 1996, p. 207).

O conceito de sincronia para Haroldo de Campos está intimamente ligado à ideia de que a criação literária e artística não deve ser entendida apenas como algo linear e histórico (diacrônico), mas como uma rede de relações simultâneas, que dialogam entre diferentes tempos, espaços e tradições culturais, tal como uma constelação, metáfora que Campos toma emprestada de Walter Benjamin, o qual percebia e analisava as obras literárias e artísticas como estrelas em uma constelação, formando novas relações a depender do ponto de vista de quem as observa.

Ao afirmar que "[...] as ideias são para os conceitos o que as constelações são para as estrelas" (Benjamin, 1984, p. 41), Benjamin faz a comparação entre poesia (ou pensamento) e constelações, propondo que o verdadeiro ato de pensamento (e, por extensão, o fazer poético) não consiste em organizar ideias de forma linear, mas em colocar conceitos em relação, como estrelas em uma constelação, produzindo sentido a partir da justaposição. Esse trecho pode ser interpretado como uma defesa para uma forma de conhecimento que não busca totalidade ou síntese, mas sim composições significativas feitas de fragmentos. Assim, nessa abordagem é possível pensar e refletir a literatura de maneira não hierárquica, mas sim destacando seus fluxos de influência e recriação.

O ensaio "Poesia e modernidade: da morte da arte à constelação. O poema pós-utópico", de Haroldo de Campos (publicado em 1984), reflete a "[...] Querela dos Antigos e Modernos" (1996, p. 244) e os rumos da poesia contemporânea, situando-a em um contexto de transformação histórica, cultural e

estética, que converge com sua percepção sincrônica. A principal reflexão gira em torno do conceito do poema pós-utópico e da superação de ideias lineares e teleológicas da história da arte, especialmente aquelas associadas ao modernismo e às vanguardas.

Para Campos (1996), o conceito de poema pós-utópico representa uma reconfiguração da poesia em um contexto no qual as grandes narrativas e utopias que orientavam a modernidade, especialmente as vanguardas do início do século XX, já não têm mais lugar. O poema pós-utópico reflete um mundo fragmentado, plural e sem perspectivas totalizantes, mas, ao mesmo tempo, busca transformar essa condição em uma oportunidade para experimentação e inovação estética.

Torna-se interessante destacar que, ao se referir ao fim das utopias, o autor não acredita num fim, na morte de todas as esperanças ou possibilidades criativas, mas de certa forma prevê um colapso na concepção e na visão totalitária e limitadora que marcou períodos anteriores, como o modernismo, as vanguardas históricas e os projetos políticos ligados a ideais de transformação radical da sociedade.

O fim das utopias para Campos está relacionado ao colapso das grandes narrativas, um conceito explorado por pensadores como Jean-François Lyotard (1998) no contexto pós-moderno. Essas narrativas ofereciam explicações totalizantes para a história, a cultura e o progresso humano, prometendo futuros, ideais baseados em projetos coletivos, como as utopias socialistas, os projetos modernistas e os dogmas religiosos.

No século XX, especialmente após eventos como as guerras mundiais, a crise dos paradigmas iluministas e o desencanto com os resultados de projetos políticos totalizantes, essas

utopias foram questionadas e, em muitos casos, abandonadas, preocupação esta apresentada por Haroldo de Campos ao questionar o futuro da esquerda política e cultural brasileira com o fim da ditadura militar, quando a oposição não teria mais um único ideal para se posicionar contrariamente, lutar e criar.

Para Campos (1996), o fim das utopias implica o reconhecimento de que a poesia e a arte não podem mais carregar o peso de "salvar o mundo" ou apontar um futuro idealizado, visto o desencanto desencadeado pelas promessas e crenças em vanguardas como o futurismo, o surrealismo e o construtivismo e sua potencialidade para transformar o ser humano e consequentemente transformar o mundo. Assim, no mundo contemporâneo, dominado pelo pragmatismo, pelo consumismo e pelas tecnologias que aceleram as relações humanas, as utopias dão lugar a um cenário de fragmentação e pluralidade. Nesse contexto, o poeta pós-utópico deve buscar novas formas de criar sentido, sem prender-se a projetos totalizantes.

De certo modo, Haroldo de Campos não lamenta o fim das utopias; ao contrário, ele vê nisso uma oportunidade de renovação, ao que denomina de período pós-utópico.

> Entendo que o momento que atualmente vivemos – momento que estamos vivendo desde, pelo menos, o fim dos anos 60, quando se concluiu, segundo penso, o processo da poesia concreta enquanto movimento coletivo e experimentativo em progresso – não é propriamente um momento pós-moderno, mas, antes, *pós-utópico* (Campos, 1996, p. 265, grifos próprios).

Desse modo, o poema pós-utópico seria uma resposta criativa ao mundo fragmentado, valorizando a multiplicidade, a intertextualidade e a abertura de sentidos. Campos (1996), influenciado pelo poema *Un coup de dés jamais n'abolira le*

hasard (*Um lance de dados jamais abolirá o acaso* – 1897), de Mallarmé, que considera uma obra revolucionária, um marco para a produção literária, abandona a ideia de que a poesia precisa estar subordinada a ideologias ou projetos políticos, propondo uma criação mais autônoma e experimental, tal como em seu poema *A máquina do mundo repensada*, de 2000, o qual será posteriormente analisado sob o viés da contemporaneidade.

Vale ressaltar que a concepção pós-utópica apresentada por Haroldo de Campos corresponde a uma poesia viável, como afirmou. Viável por não se limitar nem prender-se "[...] ao projeto totalizador da vanguarda", mas sim por abarcar as pluralidades [...] das poéticas possíveis" (Campos, 1996, p. 268).

Para Campos, o fim das utopias também implica uma nova postura em relação à crítica literária. Ele rejeita leituras reducionistas ou ideológicas, preferindo uma abordagem que valorize a experimentação e a autonomia da obra de arte. Nesse contexto, a crítica torna-se um espaço para dialogar com o poema pós-utópico, explorando suas múltiplas camadas de significado sem impor uma interpretação única. Assim, tal como Octavio Paz, Haroldo de Campos (1996, p. 249) concebe uma "[...] noção de crítica dentro da criação poética, na canonização da estética da mudança".

A reflexão de Haroldo de Campos pressupõe que, na era pós-utópica, a poesia se liberta das amarras das grandes narrativas e se torna um espaço de resistência criativa. O poema, como constelação, rejeita a linearidade e a totalidade, abraçando a pluralidade, a fragmentação e o presente como elementos constitutivos de sua forma e significado. Essa visão redefine o papel da poesia na modernidade tardia, reafirmando sua relevância como forma de questionamento e criação estética em um mundo fragmentado.

Apesar das abordagens distintas, Haroldo de Campos e Silviano Santiago compartilham uma visão crítica que questiona paradigmas estabelecidos na literatura e na cultura latino-americana. Ambos rejeitam modelos totalizantes e propõem alternativas que enfatizam a multiplicidade e a inovação estética. Enquanto Campos utiliza o conceito de constelação para ilustrar a interconexão fragmentária entre diferentes tradições literárias, Santiago propõe o "entre-lugar" como um espaço híbrido de criação e resistência cultural. A análise do poema *A máquina do mundo repensada* permite explorar essas convergências e compreender como a poesia pode atuar como um espaço de ruptura e reinvenção.

O lugar da poesia, por Silviano Santiago

Silviano Santiago (1936-2023) foi um dos mais importantes intelectuais brasileiros, conhecido por sua atuação como escritor, crítico literário, teórico cultural, professor e tradutor. Sua obra abrange diversos gêneros, incluindo romance, ensaio e poesia, além de reflexões teóricas sobre a literatura e a cultura brasileira e latino-americana. Santiago é amplamente reconhecido por sua contribuição à crítica pós-colonial e por sua análise das complexas relações entre centro e periferia no contexto cultural global.

De certo modo, suas reflexões convergem com as de Haroldo de Campos. Ambos questionam paradigmas tradicionais e defendem uma visão plural, dinâmica e inovadora da produção cultural, especialmente em contextos periféricos como o Brasil.

Também questionam abordagens lineares e historicistas da literatura. Enquanto Haroldo de Campos opunha-se às visões

eurocêntricas que relegam a produção cultural latino-americana a um papel subordinado em relação às tradições europeias – apresentando e propondo o conceito de "constelação", em que obras literárias, de diferentes épocas, dialogam de forma simultânea, rompendo com a visão cronológica –, Silviano Santiago sugere que a produção literária brasileira não deve ser compreendida apenas como um reflexo de etapas históricas e/ou imposições culturais e sociais, mas sim como um espaço onde tradições e influências diversas coexistem e interagem.

É aí que Santiago apresenta o conceito de "entre-lugar", enfatizando como a cultura latino-americana é uma síntese criativa das influências locais e estrangeiras, sem se apegar e simplesmente reproduzir o modelo europeu.

No ensaio *O entre-lugar do discurso latino-americano*, publicado em 1971, Silviano Santiago apresentou uma ferramenta central para pensar a produção cultural em contextos pós-coloniais. O termo "entre-lugar" consiste em uma metáfora para a posição híbrida e ambígua que a cultura latino-americana ocupa entre as influências externas, principalmente europeias e norte-americanas, e as tradições locais. Santiago, logo no início, reflete sobre como as culturas latino-americanas foram historicamente colocadas em uma posição de subordinação, vistas como "atrasadas" ou "imitativas" em relação ao Ocidente. Os "índios", como por muitos séculos foram classificados e categorizados, eram contextualizados assim: "[...] 'escravo' e 'animal' nos escritos dos portugueses e espanhóis. Essas expressões, aplicadas aos não-ocidentais, configuram muito mais um ponto de vista dominador do que propriamente uma tradução do desejo de conhecer" (Santiago, 2000, p. 11, grifos próprios).

O antropólogo, historiador, sociólogo, escritor e político brasileiro Darcy Ribeiro (1922-1997) destaca três pilares pelos quais a cultura eurocêntrica alicerçou-se na América Latina. O primeiro foi o do racismo enquanto "[...] arma principal do arsenal ideológico europeu de dominação colonial" (Ribeiro, 2017, p. 84). O segundo pilar diz respeito ao espírito de superioridade com que o europeu se impunha. O terceiro compreende os preceitos religiosos e cristãos enquanto salvadores e difusores da língua.

O conceito de "entre-lugar" desafia a narrativa colonizadora que historicamente relegou a cultura latino-americana a um status de inferioridade, fruto de um apagamento cultural imposto pelos colonizadores. Apagamento este que tinha como principal objetivo impor uma nova língua, uma nova religião, uma nova cultura, ou seja, desejo de implantar a superioridade, tanto cultural quanto física do colonizador perante o colonizado, como destaca Santiago (2000, p. 14), ao afirmar que:

> A América transforma-se em cópia, simulacro que se quer mais e mais semelhante ao original, quando sua originalidade não se encontraria na cópia do modelo original, mas em sua origem, apagada completamente pelos conquistadores.

Silviano Santiago (2000) pontua que é a partir desse apagamento que se configura umas das formas de extermínio cultural, ao mesmo tempo em que se impõe e se institui o sentimento de inferioridade, incapacidade da colônia igualar-se ao colonizador.

Porém, o que o colonizador não se deu conta e que acaba por ameaçar sua hegemonia, como pontua Santiago (2000), é o surgimento de uma nova categoria, originada pelo hibridismo

físico que acabou por se desenrolar também na linguagem, na religião e nos costumes, marcada pela mestiçagem e pela ressignificação das influências externas. É em tal mestiçagem que surge o "entre-lugar".

O "entre-lugar" subverte a hierarquia que posiciona o centro, ou seja, a Europa num primeiro momento e os Estados Unidos, mais recentemente, como superiores à América Latina, revelando como esta última, longe de ser passiva, transforma, recria e reinventa os elementos culturais recebidos: produzindo algo novo, híbrido e singular; apresentando sua identidade, mesmo que esta tenha sido apagada, modificada, desmantelada e/ou subvertida; estabelecendo um diálogo criativo com tradições estrangeiras, em contrapartida ao desejo de muitos, sobretudo das nações hegemônicas, de simples apropriação e reprodução (Santiago, 2000).

É a literatura que Silviano Santiago aponta como sendo um espaço privilegiado em que o "entre-lugar" se manifesta. Escritores latino-americanos frequentemente incorporam influências externas e locais, criando obras híbridas que dialogam com múltiplas tradições, aquilo que Bastos (2020, p. 33) classifica como "[...] um terceiro olho [...] derivado do embate com o colonialismo cultural [...] onde é permitido ver a partir de outra dimensão, que não anula as outras existentes".

Bastos (2020) ainda apresenta que este "entre-lugar", ou seja, o terceiro olho, termo apropriado de Cortázar – em *O jogo da amarelinha*[1] –, possibilita aos escritores latino-americanos perceber o preconceito e a inferioridade que são atribuídos às

1 Termo utilizado por Júlio Cortázar do capítulo sessenta e dois (62) de *O jogo da amarelinha*, de 1968, presente na seguinte frase: "Os atores pareciam loucos ou totalmente idiotas [...] porque neles algo que o *homo sapiens* guarda no subliminar abriria penosamente um caminho como se um terceiro olho pestanejasse penosamente debaixo do osso frontal" (Cortázar, 1972, p. 317).

suas produções, agindo e reagindo sobre elas. A autora ainda destaca que não se trata de negar, nem partir de um lugar vazio, mas sim:

> [...] estabelecer relação intrínseca entre a biblioteca e a rua. Isto é: a criação literária, artística, cultural pode trazer elementos totalmente inovadores, mas não parte de um lugar vazio de pensamento e reflexão. Permite dar conta de elementos concretos resultantes do processo social visto tanto à luz das teorias gerais como abre espaço para repensar seu papel na ordenação da sociedade local a partir da herança colonial e sua aclimatação. Em outros termos, mostra que a história não é apenas o cenário em que se desenrolam os acontecimentos, mas componente estrutural do analista de cada situação. Por esse motivo define lugar para o diálogo com outras análises, pois não impõe modelo fechado/único de interpretação (Bastos, 2020, p. 38).

É a partir destas reflexões e indagações que será analisado o poema de Haroldo de Campos, denominado *A máquina do mundo repensada*, escrito na virada do século XX, esboçando nossa preocupação para com os rumos da poesia/literatura brasileira no século XXI, sobretudo num momento de reabertura política e da redemocratização após os vinte anos de ditadura militar.

(Re)Visitando a máquina do mundo

A proposta desta colaboração consiste em elaborar um paralelo entre algumas reflexões elencadas por Haroldo de Campos e Silviano Santiago relacionando-as ao poema *A máquina do mundo repensada*, escrito por Haroldo de Campos em 2000, período de transição e de incertezas, marcando o

início do século XXI com eventos que moldaram as estruturas tecnológicas, políticas e culturais significativas para o mundo contemporâneo.

Trata-se de um poema extenso, com 457 versos, organizado em 152 tercetos decassílabos com rimas encadeadas, além de uma coda de verso único no encerramento. Cada estrofe e versos aparecem numerados em algarismos romanos. Essa estrutura é uma característica deliberada, permitindo uma leitura que explora a fragmentação temática e a pluralidade de sentidos.

A extensão do poema reflete sua complexidade e o caráter abrangente de suas reflexões, que incluem referências intertextuais à literatura clássica e moderna, bem como à ciência, filosofia e história. Essa vastidão é coerente com a proposta de repensar e ampliar o conceito da "máquina do mundo" – abordado anteriormente por autores como Luís de Camões, em *Os Lusíadas* (1572), com a estrutura do cosmos revelada ao poeta como símbolo da harmonia e do conhecimento divino, e na releitura modernista desse tema feita por Carlos Drummond de Andrade em seu poema homônimo, presente no livro *Claro enigma* (1951). Em Drummond, a máquina do mundo é oferecida ao poeta, mas ele a rejeita, incapaz de aceitar as explicações totalizantes da existência, reinterpretando-o sob uma perspectiva pós-utópica e contemporânea.

> [...] A treva mais estrita já pousara
> sobre a estrada de Minas, pedregosa,
> e a máquina do mundo, repelida,
> se foi miudamente recompondo,
> enquanto eu, avaliando o que perdera,
> seguia vagaroso, de mãos pensas [...]
> (Drummond, 2012).

Haroldo de Campos, com sua releitura, reflete a sensibilidade crítica e inovadora ao retomar um dos grandes temas da literatura: a busca pelo entendimento do universo e da existência humana. Diferentemente dos clássicos, o poeta integra elementos da ciência contemporânea, como teorias cosmológicas e físicas, expandindo o conceito da máquina do mundo para além da perspectiva antropocêntrica, promovendo uma intensa intertextualidade ao citar, reinterpretar e dialogar com autores e tradições literárias de diferentes épocas, como (além de Camões e Drummond) Dante, Guimarães Rosa e a poesia concreta.

A estrutura e a linguagem do poema refletem a proposta estética de Haroldo de Campos, que concebe a poesia como uma constelação de significados. O uso de neologismos, jogos sonoros e referências que vão da literatura clássica à ciência contemporânea demonstra essa abordagem fragmentária e intertextual. Ao revisitar a tradição literária e reformular a metáfora da máquina do mundo, Campos constrói um poema que não busca uma explicação única ou totalizante da realidade, mas sim uma rede complexa de relações e possibilidades interpretativas, numa perfeita representação da poesia sincrônica, ou seja, "[...] um poema que corporificasse essa poética" (Campos, 1996, p. 253).

A ideia de constelação é central para a leitura do poema e está profundamente ligada à sua visão estética e filosófica da poesia, bem como à sua crítica das narrativas totalizantes e à proposta de um poema pós-utópico. Essa ideia é tomada por empréstimo do filósofo Theodor Adorno, que a utilizou como metáfora para descrever um pensamento não-linear e dialético, em que diferentes elementos estão conectados, mas sem obedecer a uma ordem hierárquica ou totalizante. Em vez

de buscar uma essência ou uma única verdade, a constelação sugere que os significados emergem da interação entre múltiplos pontos, preservando suas diferenças e tensões, ou seja:

> O conhecimento do objeto em sua constelação é o conhecimento do processo que ele acumula em si. Enquanto constelação, o pensamento teórico circunscreve o conceito que ele gostaria de abrir, esperando que ele salte mais ou menos como os cadeados de cofres-fortes bem guardados: não apenas por meio de uma única chave ou de um único número, mas de uma combinação numérica (Adorno, 2009, p. 142).

No poema, Haroldo de Campos desconstrói a visão tradicional da "máquina do mundo" como símbolo de ordem, completude e totalidade, especialmente como apresentada por Camões e reinterpretada por Drummond. Em contrapartida, reconstrói o conceito sob a forma de uma constelação que abraça a fragmentação, visto que a máquina do universo não é mais uma engrenagem perfeita e linear, mas um conjunto fragmentado de elementos diversos que refletem a complexidade e a pluralidade contemporâneas. Esse movimento se evidencia no seguinte fragmento:

> 67.1— mas volto ao dâimon e à questão da origem:
> 2. einstein dizia: "deus não joga dados"
> 3. — do aleatório (desse acaso-esfinge
>
> 68.1 *chance zufall hasard*) tinha cuidado
> 2. o seguidor de maxwell poincaré
> 3. posto no oblívion por antecipado
>
> 69.1 à física do tempo: mallarmé
> 2. sabia (seu coetâneo) que ao azar
> 3. jamais abolirá *un coup de dés*

70.1 vendo a constelação a desenhar-se
2. presa ao fio de um "talvez" no céu noturno —
3. mas einstein que soubera decifrar
(Campos, 2000, p. 50-51, grifos próprios).

Além de colocar a física de Einstein e Poincaré em diálogo com a poética de Mallarmé, todos referenciados com suas iniciais em letras minúsculas, associando o caos entrópico da complexidade humana ao demônio de Maxwell, Campos transcria explicitamente a tradição literária ao fundir a engrenagem estelar a matrizes clássicas e nacionais. Na Parte I do poema, o autor projeta essa busca intertextual no espaço geográfico brasileiro:

1.1 quisera como dante em via estreita
2. extraviar-me no meio da floresta
3. entre a gaia pantera e a loba à espreita

2.1 (antes onça pintada aquela e esta
2. de lupinas pupilas amarelas)
3. neste sertão — mais árduo que floresta
(Campos, 2000, p. 13).

Como é possível perceber, Haroldo de Campos propõe uma simbiose entre tradição e inovação. Ao utilizar referências intertextuais que dialogam com o cânone ocidental e nacional (num jogo polifônico que envolve Luís de Camões, Dante Alighieri, Stéphane Mallarmé, Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade), o poeta territorializa o debate universal, transpondo-o para a aridez do sertão, suas florestas e a fauna nativa que habita esses ecossistemas.

Traça também paralelos com o contemporâneo: a ciência moderna (cosmologia, física, Big Bang, Albert Einstein, Galileu Galilei) e o pensamento crítico de Theodor Adorno e Walter

Benjamin também têm lugar, criando uma sobreposição, tal como uma constelação, de ideias e vozes, que descentraliza o conhecimento, recusando as narrativas totalizantes, opondo-se ao poder hegemônico europeu, abrindo espaço para perspectivas múltiplas, incluindo a visão de mundo latino-americana, tal como apresentada na perspectiva do "entre-lugar" de Silviano Santiago, que pode ser percebida no trecho a seguir:

> 4.1. barrando-me: hýbris-leoa e o variopinto
> 2. animal de gaiato pêlo e a escura
> 3. loba — um era lascívia e a outra (tinto
>
> 5.1 de sangue o olho) cupidez impura:
> 2. dante com trinta e cinco eu com setenta —
> 3. o sacro magno poeta de paúra
>
> 6.1. transido e eu nesse quase- (que a tormenta
> 2. da dúvida angústia) -terço acidioso
> 3. milênio a me esfingir: que me alimenta
> (Campos, 2000, p. 14-15).

O conceito de "entre-lugar" neste trecho descreve a posição do escritor latino-americano, que não é puramente original (pois está imerso na tradição cultural colonizadora e europeia) e tampouco é uma cópia passiva. Ela habita um espaço intermediário: o "entre-lugar" da dependência e da desconstrução, onde o texto colonizador é assimilado, mas imediatamente violado, transformado e antropofagizado.

Campos não está apenas citando Dante; ele está ocupando o espaço dele. Ele se coloca fisicamente e existencialmente dentro do "Canto I do Inferno", em referência à obra *A divina comédia* ("barrando-me... dante com trinta e cinco eu com setenta"), trazendo como referencial a idade em que Dante escreveu seu

Inferno (35 anos) e sua idade ao "repensar" a máquina do mundo (70 anos). Movimento semelhante ocorre ao trazer a Florença do século XIV para o Brasil da virada do milênio, criando um "entre-lugar" temporal e espacial, em que o texto não mais pertence inteiramente à Europa medieval, nem é um texto puramente local, brasileiro, mas sim habita e coexiste na fresta entre as duas realidades.

Silviano Santiago aponta que o escritor do "entre-lugar" demonstra uma fidelidade ao texto original ao mesmo tempo em que o transgride. E é assim que Haroldo de Campos mantém a estrutura dantesca (as três feras, a crise de idade, o pavor), mas introduz elementos que acabam por quebrar com a pureza clássica.

A valorização do diálogo entre culturas faz parte desse "entre-lugar", visto que, para Santiago, a literatura latino-americana é dialógica porque absorve e transforma elementos externos, criando algo único e híbrido. Ou seja, ambos reconhecem a literatura como um espaço de diálogo e transformação. Para Haroldo de Campos, isso aparece na transcrição; já para Silviano Santiago, no "entre-lugar".

Por todo poema, Haroldo de Campos revisita uma das metáforas mais emblemáticas da literatura ocidental para questionar não apenas a visão tradicional da realidade, mas também as transformações culturais e políticas do Brasil pós-ditadura. Ao fazer isso, ele ressignifica a noção de totalidade, propondo uma visão dividida e dinâmica do mundo. O diálogo entre suas ideias e as de Silviano Santiago evidencia como a poesia pode atuar como um espaço de resistência e reinvenção, recusando as grandes narrativas e abrindo-se para novas possibilidades estéticas e interpretativas. Assim, a literatura

contemporânea reafirma sua relevância não apenas como expressão artística, mas também como ferramenta crítica diante das mudanças históricas e culturais.

As concepções de Haroldo de Campos convergem com as de Silviano Santiago em várias dimensões fundamentais, especialmente na maneira como os autores entendem a cultura e a literatura latino-americana em relação ao Ocidente. *A máquina do mundo repensada* pode ser lida como uma concretização poética das ideias de ambos: o poema fragmentado e plural dialogando com a noção de "entre-lugar" de Santiago, enquanto a transcriação e a constelação propostas por Campos reafirmam a potência criativa da periferia. Ambos se complementam na defesa de uma literatura que rejeita a subordinação e celebra a diferença, tornando-se um ato político e estético de resistência e inovação.

Essa postura de apropriação e tensionamento do cânone europeu fica evidente no modo como Haroldo de Campos reinscreve a máquina do ocidente na dicção brasileira:

> 103.1. — retorno então à estreita via (quem há-de
> 2. esquecê-la e ao sertão de entreveredas
> 3. por onde ela se enfia?) — faz-se tarde
>
> 104.1. no meu tempo terráqueo: três estrelas
> 2. (não mais feras) anãs — a rubra a albina
> 3. a nigra — me vigiando: sentinelas
>
> 105.1. aziagas em esgares letais — sina-
> 2. -sentença minha sendo o perseguir
> 3. a reflexão sem cura — dom? estigma?
> (Campos, 2000, p. 72 e 73).

Ao descentrar a máquina e convertê-la em entrecruzamento das vozes, a poesia de Campos encarna justamente o "entre-

lugar" teorizado por Silviano Santiago (2000): a fala periférica que não copia nem rejeita passivamente o modelo europeu, mas se coloca e se instala no "entre-espaço" crítico da rasura e da ressignificação ao trazer para o diálogo novamente a floresta de Dante, passando pelo labirinto metafísico do sertão brasileiro de Guimarães Rosa. O universal se territorializa no local. A via dantesca se enfia pelas veredas rosianas, borrando as fronteiras entre a alta cultura europeia e o espaço literário latino-americano. Assim como as três feras dantescas são rasuradas e ressignificadas, transformadas em conceitos da astrofísica moderna que marcam o fim da vida de uma estrela. O terror teológico europeu é devorado e devolvido como angústia cósmica, científica e contemporânea no tempo do poeta.

É assim que Campos (2000) desconstrói a ideia tradicional de totalidade associada à máquina do mundo clássica, transformando o símbolo de ordem, completude e progresso em algo segmentado e plural, de modo a refletir a complexidade do mundo contemporâneo. Essa desconstrução está alinhada à sua visão de uma estética pós-utópica, que rejeita as grandes narrativas unificadoras – como aquelas promovidas pelo colonialismo ou pelo iluminismo.

> Nessa acepção, a poesia viável do presente é uma poesia de pós-vanguarda, não porque seja pós-moderna ou antimoderna, mas porque é pós-utópica. Ao projeto totalizador de vanguarda que, no limite, só a utopia redentora pode sustentar, sucede a pluralização das poéticas possíveis. Ao princípio-esperança, voltado para o futuro, sucede o princípio-realidade, fundamento ancorado no presente (Campos, 1996, p. 268).

Já Silviano Santiago, em textos como *O entre-lugar do discurso latino-americano* (2000), também questiona as

narrativas totalizantes que posicionam o Ocidente como centro universal da cultura e da modernidade, propondo um "entre-lugar", onde a América Latina ressignifica e recria as influências externas em um processo de tensão criativa, tal qual a proposta de Campos neste poema, ao apresentar a transformação da máquina em uma constelação de referências fragmentadas, um processo em que a literatura latina não apenas traduz ou adapta modelos europeus, mas os recria de maneira criativa e inovadora, dialogando com tradições canônicas e as reinterpretando a partir de um olhar contemporâneo e crítico.

O "entre-lugar" da América Latina, para Santiago, se (a) firma como um espaço de resistência cultural e produção original, que não deve ser visto como um espaço inferior, mas um lugar de diferença criativa. E esse "entre-lugar" das culturas latino-americanas não existe para simplesmente reproduzir o que está posto por culturas vistas hegemônicas, mas criar sua própria forma, inovadora e autêntica de representatividade.

A máquina do mundo repensada é utilizada por Campos como um espaço de resistência política e cultural, ao questionar as promessas do progresso e a centralidade do Ocidente, valorizando perspectivas periféricas e propondo uma visão de mundo descentralizada, visão esta compartilhada por Santiago, que também reconhecia a crítica literária e cultural como um ato político. Ambos veem a produção literária e a produção crítica como ferramentas para questionar relações de poder e propor novas formas de ver o mundo: Haroldo por meio da criação artística e poética; Santiago pela teoria crítica.

Considerações finais

A revisitação da imagem da "Máquina do Mundo" na poesia contemporânea demonstra como a tradição poética é constantemente reativada e reconfigurada à luz das transformações culturais, tecnológicas e filosóficas do presente. Nesse processo, observa-se uma operação que não é de simples negação do passado, mas de reelaboração crítica, em que o gesto criativo assume uma postura de diálogo com os legados literários.

Haroldo de Campos, ao propor uma transcriação da tradição, fornece uma chave de leitura fundamental para entender esse movimento. Em sua perspectiva, a recriação poética envolve uma atitude de apropriação ativa e crítica do cânone, como ele faz em seus diálogos com Homero, Dante e outros. Da mesma forma, os poetas contemporâneos, ao retomarem a "Máquina do Mundo", não a aceitam como uma estrutura metafísica fechada, mas a desmontam e reconfiguram segundo as lógicas da desconstrução e da multiplicidade, operando, como diria Campos, uma antropofagia cultural que atualiza e redimensiona símbolos clássicos.

Já Silviano Santiago, por sua vez, ao desenvolver o conceito de "entre-lugar", aponta para um modo de produção literária que se estabelece nas zonas de contato, nas fraturas entre centro e periferia, tradição e inovação. A poesia contemporânea que dialoga com a "Máquina do Mundo" se inscreve nesse "entre-lugar": nem completamente alinhada à tradição camoniana, nem plenamente cética como em Drummond, mas situada em um espaço híbrido, em que o fazer poético se contamina pelas linguagens da tecnologia, da mídia e das novas subjetividades.

Assim, a *A máquina do mundo repensada*, de Haroldo de Campos, deixa de ser uma imagem de completude para se tornar metáfora da falha, da fragmentação e do excesso de informação, um reflexo das crises de representação que atravessam o século XXI. A poesia, nesse cenário, resiste como linguagem da invenção e da complexidade, reafirmando seu papel como campo de experimentação crítica e estética.

Ambos os conceitos abordados nesta análise crítica do poema, tanto de "constelação", de Haroldo de Campos, quanto de "entre-lugar", por Silviano Santiago, operam dentro de um contexto de pensamento pós-colonial e moderno na literatura brasileira e latino-americana, e ajudam a entender como certos autores e obras se posicionam em relação à tradição e à alteridade cultural. Apesar de virem de contextos e ênfases diferentes, convergem na maneira como entendem o papel do escritor moderno e latino-americano como alguém que não reproduz modelos, mas que age criticamente sobre eles, colocando-os em relação (como numa constelação), a partir de um ponto de vista deslocado (o "entre-lugar").

A constelação, enquanto imagem de relações transversais e não hierárquicas entre textos, garante força ao poema quando pensada desde o "entre-lugar", essa posição crítica e periférica que permite a montagem inusitada de vozes e tradições. Por outro lado, o "entre-lugar" ganha densidade quando visualizado dentro de uma dinâmica constelar, em que os discursos não se subordinam, mas se tensionam e se transformam.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. A máquina do mundo. *In*: *Revista Sibila*. 2012. Disponível em: https://sibila.com.br/novos-e-criticos/poesia-pintura-a-maquina-do-mundo-de-drummond/7814. Acesso em: abr. 2025.

ADORNO, Theodor W. *Dialética negativa*. Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BASTOS, Elide Rugai. A sociologia e o entre-lugar. *Aletria:* Revista de Estudos de Literatura, v. 30, n. 1, p. 31-43, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/22180. Acesso em: 22 jan. 2025.

CAMPOS, Haroldo. *A arte no horizonte do provável*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

CAMPOS, Haroldo de. *A máquina do mundo repensada*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

CAMPOS, Haroldo. Poesia e modernidade: da morte da arte à constelação. O poema pós-utópico. *In: O arco-íris branco*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. p. 243-269.

CORTÁZAR, Julio. *O jogo da amarelinha*. Tradução de Fernando de Castro Ferro. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

LIMA, Marcelo Fernando de. Concepções de história literária nas polêmicas entre Antonio Candido e Haroldo de Campos. *Revista de Letras*, v. 15, n. 16, p. 1-1, 2013. Disponível em: https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/2357. Acesso em: 20 jan. 2025.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

RIBEIRO, Darcy. *América Latina*: a pátria grande. 3 ed. São Paulo. Global, 2017.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. *In: Uma literatura nos trópicos*: ensaios sobre dependência cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 9-26.